

# Omar Sosa Quarteto AfroCubano

9 Dez 2015  
22:00 Sala Suggia

-

CICLO JAZZ

**Omar Sosa** *piano*

**Ernesto Simpson** *bateria*

**Leandro Saint-Hill** *saxofone alto, flauta e clarinete*

**Childo Tomás** *baixo eléctrico*



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Jelly Roll Morton, o icónico pianista de Nova Orleães que em 1938 se autoproclamou o inventor do jazz, dizia que neste domínio musical era indispensável o *spanish tinge*, ou por outras palavras, o toque «hispanico». Este não se refere propriamente à cultura espanhola mas sim a um conjunto de referências das culturas caribenhas de ascendência hispânica que entretanto denunciavam já uma forte influência africana, por via da diáspora negra impulsionada pela escravatura. Com efeito, na cosmopolita Nova Orleães de finais do séc. XIX esse elemento fazia-se sentir de forma particularmente expressiva: a população incluía várias comunidades cubanas e mexicanas, bem como inúmeros tipos de crioulos. Gene Santoro afirmou mesmo: “Histórica e culturalmente, Nova Orleães é uma cidade caribenha agarrada ao delta do Mississipi” (2002). Nas primeiras décadas do séc. XX, compositores como Scott Joplin (1868-1917) ou W.C. Handy (1873-1958) recorreram frequentemente a mecanismos rítmicos inspirados nas danças do sul e centro do continente americano. Porventura o mais comum é o da *habanera*, utilizado em peças como “Heliotrope Bouquet” (Scott Joplin e Louis Chauvin, 1907) ou o famoso “St. Louis Blues” (W.C. Handy, 1914).

Ao longo do séc. XX, o elemento hispânico esteve sempre presente no jazz, embora com diferentes manifestações e com visibilidade variável. Na Nova lorque dos anos 20 e 30, por exemplo, as comunidades cubanas e porto-riquenhas tinham uma presença fortíssima e incluíam vários músicos que deixaram a sua marca no jazz norte-americano. Um exemplo ilustrativo é o de Juan Tizol, compositor e trombonista porto-riquenho na orquestra de Duke Ellington, que assinou (entre outras) duas composições que se tornariam emble-

mas da orquestra de Duke e *standards* do jazz até aos nossos dias: “Caravan” (1936) e “Perdido” (1941).

Na década de 1940, com o advento do *bebop*, as colaborações do trompetista Dizzy Gillespie (1917-1993) com músicos como o cubano Mario Bauzá (1911-1993) contribuíram de forma decisiva para a configuração de um estilo de jazz conhecido como *afro-cuban jazz* ou *cubop*. Este pode ser definido como uma combinação do estilo de jazz então emergente (*bebop*) com o universo da música cubana de ascendência africana, em particular o *mambo*, dança de enorme popularidade naquele período.

Mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970, configurou-se a *salsa*, um género de dança e de música desenvolvido em Nova lorque e Porto Rico. Em boa medida, a *salsa* é também um género afro-cubano: baseia-se maioritariamente no *son* e na *guaracha* de Cuba, e incorpora também elementos melódicos e harmónicos do jazz norte-americano. O género da *salsa* foi protagonizado por vários músicos de todo o continente americano, como Mongo Santamaria (Cuba, 1917-2003), Tito Puente (EUA, 1923-2000), Celia Cruz (Cuba, 1925-2003), Ray Barretto (EUA, 1929-2006) e Ruben Blades (Panamá, 1948-).

Ao longo do séc. XX, o conceito de *afro-cuban jazz* foi sendo progressivamente substituído, enquanto categoria comercial, pelo mais abrangente *latin jazz*. Com o tempo, o termo *latin jazz* passou a incluir todos os estilos e domínios resultantes da interação entre o jazz norte-americano e as culturas latino-americanas, como o próprio *afro-cuban*, a *bossa nova*, a *salsa* e até o *jazz-flamenco*. Este último definiu-se em Espanha durante as décadas de 1960 e 1970 aquando do advento do chamado *nuevo fla-*

*menco* protagonizado por Camarón de la Isla (1950-1992) e Paco de Lucía (1947-2014), entre outros. O estilo foi desenvolvido inicialmente por músicos como Pedro Iturralde (1929-) e o próprio Paco de Lucía, mas a partir da década de 1980 vários outros músicos se lhes juntaram. O baixista Carles Benavent (1954-), o flautista/saxofonista Jorge Pardo (1956-), o guitarrista Tomatito (1958-) e o pianista Chano Domínguez (1960-) são alguns dos maiores representantes deste período.

Vários músicos de jazz norte-americanos experimentaram incorporar no seu vocabulário referências a géneros e estilos musicais das Caraíbas ou da América meridional. Em 1956, o saxofonista Sonny Rollins (1930-) recorria ao *calipso* para compor o seu famosíssimo “St. Thomas”, integrado no igualmente marcante *Saxophone Colossus* (Prestige). O pianista Horace Silver (1928-2014), um norte-americano de ascendência cabo-verdiana, recorreu profusamente a referências musicais latino-americanas. Um exemplo maior é o padrão de *bossa nova* que utiliza em “Song For My Father”, incluído no álbum homónimo editado em 1968 pela Blue Note Records. Já na década de 1970, surgiu o grupo Return to Forever, liderado pelo pianista Chick Corea, ele próprio norte-americano de origem hispânica e italiana. O grupo ostentava uma enorme proximidade com a cultura musical brasileira, em boa parte promovida pela participação do percussionista Airto Moreira (1941-) e da sua esposa, a cantora Flora Purim (1942-). Os dois álbuns da primeira fase do grupo, *Return to Forever* (1972) e *Light as a Feather* (1973), tornaram-se autênticos marcos no *latin jazz*. Com a saída de Moreira e Purim, contudo, a banda encontrou diferentes configurações e dedicou-se por completo ao chamado *jazz-rock*.

Nas últimas décadas do séc. XX, o domínio do *afro-cuban jazz* encontrava-se povoado por um vasto leque de representantes. Uma breve lista inclui o saxofonista e clarinetista Paquito d’Rivera (1948-), o trompetista Arturo Sandoval (1949-), os pianistas Jesus “Chucho” Valdés (1941-) e Gonzalo Rubalcaba (1963-), e o percussionista Horacio ‘El Negro’ Hernandez (1963-). Adicionalmente, músicos de outras proveniências dentro da América Latina têm trabalhado no âmbito do *afro-cuban jazz*. Atendo-nos apenas aos pianistas, podemos por exemplo destacar Michel Camilo (República Dominicana, 1954-), Danilo Perez (Panamá, 1966-) e Edward Simon (Venezuela, 1969-). Particularmente em Havana, teve enorme importância a actividade do grupo Irakere e do seu líder Chucho Valdés. A partir da década de 1970, Irakere congregou músicos de excepção como Sandoval e d’Rivera, entre outros. O grupo gozou de notável longevidade e teve inclusivamente um importante papel formativo na cena musical em Havana, o que motiva Santoro a compará-lo aos Jazz Messengers de Art Blakey.

Este foi um período formativo de particular importância para o pianista e compositor **Omar Sosa**. Na década de 1980 e inícios de 1990, antes da sua passagem pelo Equador (1993) e da sua radicação nos Estados Unidos (1995), Sosa viveu em Havana e aí fez a sua aprendizagem, tanto em instituições de ensino formal como na cena musical local. De resto, o próprio aponta Valdés e Irakere como uma das suas principais referências musicais. Sosa é seguramente um artista de *afro-cuban jazz*, mas tem trabalhado continuamente na expansão das fronteiras desse domínio. A sua variada formação (nas áreas do piano, da marimba e da percussão) e o seu interesse por outros domínios, como

a música erudita europeia, fazem dele um músico multifacetado e imprevisível. No conjunto das suas referências musicais, o próprio Sosa cita a música tradicional afro-cubana, mas também músicos de jazz como Thelonious Monk (1917-1982), John Coltrane (1926-1967) ou Keith Jarrett (1945-) e ainda compositores europeus como Fryderyk Chopin (1810-1849), Erik Satie (1866-1925) e Béla Bartók (1881-1945). Ao longo das suas quase duas décadas de actividade, Sosa tem escrito uma enorme quantidade de música original, tanto na tradição afro-cubana como em outros registos. Tem escrito música orquestral (interpretada nos EUA e também em Espanha) e até música para cinema, como aconteceu em 2010 com *O Último Voo do Flamingo*, filme de João Ribeiro rodado em Lisboa sobre a obra homónima de Mía Couto. Editou ainda cinco discos enquanto pianista a solo, começando com *Omar Omar* (1997), o seu primeiro registo, e terminando em *Calma* (2011).

No seu mais recente registo com o **Quarteto AfroCubano**, *Ilé* (2015), Sosa descreve um regresso às suas raízes cubanas. *Ilé* significa “casa” ou “terra” em Lucumí, um dialecto cubano derivado da língua Yoruba da África Ocidental. O disco presta homenagem à sua vivência em Havana nas décadas de 1980 e 1990, e aos ícones musicais desse tempo, de onde se destacam Chucho Valdés e o grupo Irakere. No quarteto, ao lado de Omar Sosa encontramos Ernesto Simpson (bateria) e Leandro Saint-Hill (saxofone alto, flauta e clarinete), dois conterrâneos camagüeyanos de Sosa, e ainda o moçambicano Childo Tomas (baixo eléctrico). Tomas e Saint-Hill são já anteriores colaboradores de Sosa, nomeadamente em *Afreecanos* (2008) e *Eggun* (2013), enquanto Simpson aparece aqui pela primeira vez ao lado de Sosa. O disco apre-

senta ainda um alargado conjunto de músicos de proveniências diversas que espelha a multiplicidade da música de Omar Sosa: o percussionista cubano Pedro Martinez; o guitarrista norte-americano Marvin Sewell; o icónico maestro cubano Eladio “Don Pancho” Terry, patriarca da família Terry, e o seu filho, o saxofonista Yosvany Terry; o artista de *spoken word* norte-americano Kokayi; e o cantor de *flamenco* José “El Salao” Martín.

A colaboração com músicos de diferentes domínios musicais e regiões geográficas é já uma prática tradicional nos projectos de Omar Sosa. Ao longo da sua produção discográfica (que conta já com vinte e dois registos), o pianista e compositor colaborou com nomes como o trompetista italiano Paolo Fresu (1961-), o percussionista indiano Trilok Gurtu (1951-), o guitarrista do Benim Lionel Loueke (1973-), o violoncelista e maestro brasileiro Jaques Morelenbaum (1954-), o percussionista e produtor inglês Steve Argüelles (1963-), o cantor marroquino e tocador de *gembri* Houssaine Kili (1955-), o cantor tunisino e tocador de *oud* Dhafer Youssef (1967-), entre muitos outros.

Para este concerto na Sala Suggia da Casa da Música, Sosa convocou a formação nuclear de *Ilé*, composta por Saint-Hill, Tomas e Simpson. O alinhamento prevê maioritariamente composições incluídas em *Ilé* (como “Mi Conga”, “A Love Lost” ou “Old Afro A Baba”), mas também composições de outros registos, como “Iyawo” ou “Intro to Elegua”. Assistiremos seguramente a uma performance poderosa deste quarteto contagiante, fundado nas tradições musicais afro-cubanas mas virado para o mundo.

LUÍS FIGUEIREDO

## **Omar Sosa** *piano*

O compositor e pianista Omar Sosa nasceu em 1965, em Camagüey, a maior cidade do interior de Cuba. Com 8 anos começou a estudar percussão e marimba no Conservatório de Música da sua cidade e posteriormente ingressou na classe de piano da prestigiada Escuela Nacional de Música em Havana, cidade onde concluiu também a sua formação superior no Instituto Superior de Arte. Em 1993 mudou-se para o Equador e aí mergulhou no folclore da região de Esmeraldas, onde a herança africana se manifesta na prática tradicional da marimba. Em 1995, já na Área da Baía de São Francisco, trouxe novo fôlego à cena do jazz latino com composições arrojadas e um estilo percussivo.

Omar Sosa tocou em palcos tão diversos como Blue Note (Nova Iorque, Milão e Tóquio), Carnegie Hall em Nova Iorque, Barbican Centre e Queen Elizabeth Hall em Londres, Royal Concert Hall de Glasgow e Haus der Kulturen der Welt em Berlim, entre muitos outros. Apresentou-se igualmente nos grandes festivais de jazz mundiais (Monterey, JVC, Montréal, Marciac, North Sea, Helsínquia, Grenoble, Montreux, Ravenna Jazz, etc.). Foi artista associado da Universidade de Princeton (2008) e teve duas residências artísticas no Dartmouth College (2008 e 2011). Tem sido repetidamente premiado, incluindo um prémio de carreira da Smithsonian Associates em Washington DC (2003).

A carreira discográfica de Omar Sosa começou em 1997, com a edição do seu primeiro disco em piano solo, *Omar Omar* (Otá Records), prosseguindo com 22 CDs enquanto líder, dando origem a cinco nomeações para os Grammy. Tem trabalhado com

músicos de todas as origens, sejam elas africanas, árabes, europeias, indianas, latinas ou norte-americanas, e colabora frequentemente com o cinema e a televisão.

Em 2014, Omar Sosa editou o seu quinto disco para piano solo, *Senses*, resultante de uma residência artística no Experimental Media and Performing Arts Center do Rensselaer Polytechnic Institute (EMPAC) em Troy, Nova Iorque. Nesse âmbito foi convidado pela bailarina/coreógrafa Nora Chipaumire para compor música para a peça de dança-teatro *Miriam*. Essa composição recebeu uma nomeação para o prémio Bessie. Em 2015 foi editado o CD *Ilé* com o Quarteto AfroCubano, que marca um regresso aos anos de formação de Omar Sosa, na transição entre os anos 80 e os 90, em Havana.

Entre os próximos projectos de Omar Sosa inclui-se um disco singular com o senegalês Seckou Keita (executante de kora) e o chinês Wu Tong (sheng); e a renovação das colaborações em CD com o trompetista italiano Paolo Fresu e com a NDR Bigband (neste caso com arranjos de Jaques Morelenbaum).

## **Ernesto Simpson** *bateria*

Ernesto Simpson é um dos bateristas mais requisitados da sua geração, tocando com figuras cruciais do jazz e *world music* internacional. Originário de Camagüey (Cuba), foi influenciado pela percussão clássica, africana, afro-cubana e ritmos sul-americanos. Viveu e trabalhou como músico *freelancer* em Miami, Nova Iorque e agora em Londres. Toca actualmente em grupos de músicos de referência como Richard Bona e Gonzalo Rubalcaba, partilhando o palco ainda com figuras de renome como Herbie Hancock, George

Benson, Dizzy Gillespie, Paquito D’Rivera, Ron Affif, Samuel Torres, Yosvany Terry, Helio Alves, Brian Lynch, Manuel Valera, The Rodriguez Brothers, Mike Stern, Mark Murphy, Gino Sitson, James Genus, Ray Barretto e Sergio Brandão. Participou em inúmeras gravações e realizou masterclasses, workshops e palestras por todo o mundo. Toca com bateria Yamanha, pratos Sabian e baquetas Vic Firth.

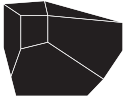
### **Leandro Saint-Hill** *saxofone alto, flauta e clarinete*

Leandro Saint-Hill nasceu em Camagüey (Cuba), em 1968. Aos 11 anos começou a estudar saxofone. Diplomou-se na escola de música da sua cidade e mudou-se depois para Havana, onde começou a tocar com a estrela de rock Tanja, a diva do bolero Beatriz Marquez, o quinteto do pianista de jazz Carlos Maza e Manolin El Medico de la Salsa. Mudou-se para Hamburgo em 1994 e trabalhou com algumas bandas locais em festivais de jazz como Jazz Baltica, Montreux e Leverkusen.

Mais recentemente, Saint-Hill colaborou enquanto saxofonista, flautista, cantor e compositor em projectos genuinamente cubanos como Cuarteto Chanchullo, Tony Martinez and The Cuban Power e Julio Barreto Latino World. Tocou com artistas como Patrice, Gonzalo Rubalcaba, Hilton Ruiz, Chico Freeman, a diva cubana Caridad Hierrezuelo e o projecto alemão The Night of Wagner Comeback.

### **Childo Tomás** *baixo eléctrico*

Baixista, percussionista e vocalista, Childo Tomás nasceu em 1963 em Maputo (Moçambique). Com 16 anos começou a tocar em grupos de música tradicional, pop e jazz na sua cidade. Entre 1982 e 1992, integrou a banda Alambique que realizou digressões na Escandinávia, Angola e Zimbabué. Nos anos seguintes colaborou com bandas moçambicanas, realizando gravações e música para cinema e teatro. Em 1994 mudou-se para Espanha, estabelecendo-se em Barcelona. Desde então tem trabalhado com grupos como Zeze Lokito, Unison, Mogha Africa, David Cervera, Sora e Luis Mbomio. Desde 2004 integra as diversas formações de Omar Sosa que realizam digressões por todo o mundo, com cerca de 100 concertos por ano nos seis continentes. Canta na sua língua nativa – Ronga – e toca kalimba e baixo eléctrico.



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

**mas** PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
OPORTUNIDADE CULTURAL

**SONAE**

 GOVERNO DE  
PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

 **BPI**